

As prisioneiras do General*

Elusa Pereira Netto Leal | Executivo Público- Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo; Bacharel em História pela Universidade do Estado de São Paulo. Contato: enetto@sp.gov.br

Agora os arquivos eram uma bagunça de fazer dó.

As memórias não estavam organizadas por ordem alfabética, assunto, ou qualquer marcador.

Na arrumação, o General deixou à mão aquilo que lhe interessa e colocou lá no fundo das gavetas tudo que não gostava de lembrar.

Por descuido de algum neurônio desavisado, uma lembrança importante ia parar no sótão, ou no porão e aí era uma trabalhadeira doída para achar a marvada. Em contrapartida, outras vinham à tona sem ninguém chamar: os seios de uma sirigaita francesa, um regalo nos tempos do “Führer”.

Durante o conflito, o General carimbou muitos passaportes para o além.

Na tentativa de banir da memória aqueles que bateram as botas sob sua encomenda e apartar um eterno lamento de prisioneiros, o General montou em sua cabeça um campo de concentração, para onde enviava as lembranças que mais lhe desagradavam.

Por mais que erguesse cercas de arame farpado, e montasse guarda, sempre alguma maldita prisioneira escapava.

A fugitiva lhe percorria a mente feito um estilhaço, transformava-se em uma torrente que não raramente jogava-o atônito na cadeira de balanço, até que a lembrança rebelde fosse novamente confinada.

Desenvolveu o General uma lerdeza seletiva para localizar suas memórias e evitava fuçar nos arquivos bélicos.

A moça da TV chegou de surpresa e fustigou o General com perguntas sobre a guerra, os campos, a SS... parecia um interrogatório na tenda do inimigo.

Foi uma negação. O General era capaz de desfilar um rosário de nomes e patentes na sua língua mãe, mas quando se tratava de suas a(des)venturas na guerra, sob o pretexto da idade, dizia com um sotaque indiscutível que só se lembrava de uma fumaça densa que o sufocava aos poucos.

Enxergava-se sob a névoa, de uniforme e botas poeirentas, lembrava do cheiro da morte nas trincheiras, avistava a terra de ninguém semeada de soldados caídos, e num piscar de olhos estava o General à beira de uma grande vala, destino final de incontáveis corpos esqueléticos.

Depois do fiasco, a jornalista mudou a pauta para não perder a viagem, e lá se foi, furiosa, com uma história bucólica qualquer para editar.

* Publicado originalmente em 28/11/2018 em: <http://blogdaencardida.blogspot.com/>

O velho tornou a soltar o pastor alemão no quintal, e sentou-se na varanda.

Com voz de comando enfileirava as memórias fugitivas para novamente enviá-las ao campo de concentração.

O armistício tardou a chegar, e as memórias prisioneiras foram sufocadas em uma câmara de gás.

O General preservou do seu holocausto apenas as lembranças das raparigas de Paris e algumas ruas de Berlim.

A governanta falou que ele malucou de vez.